

NO GAMA, FALTA ATÉ BANCO PARA ESPERAR

Na quinta-feira passada, a dona de casa Francisca Alves Bezerra chegou ao Hospital Regional do Gama (HRG) às 8h. Estava com febre. Do Jardim Planalto, uma cidadinha próxima à Luziânia, vieram Francisca de Oliveira Nunes, 63 anos, e sua filha Maria de Oliveira Nunes, 43 anos. Ambas se queixavam de dores fortes pelo corpo e febre alta.

As três mulheres passaram o dia inteiro na fila da emergência de clínica médica do hospital. Às 20h30 não haviam sido atendidas. Na portaria do hospital, a informação era que o último paciente havia sido chamado às 8h40. Depois disso, ninguém foi atendido.

Para não correr o risco de serem chamadas e perder a vez, elas não desgrudaram da porta do pronto-socorro. Nem para comer. "A gente só tomou cafezinho e refrigerante", contou Francisca de Oliveira. "Pior é que não tem jeito, em Luziânia não tem nem remédio no hospital", emendou Maria.

Também na fila, a dona de casa Marinalva Francisca dos Santos, 32 anos, moradora de Valparaíso estava num dilema. Deixou os três filhos pequenos sozinhos em casa de manhã bem cedo e não tinha previsão de voltar. "Estou com dor no peito. Não sei o que fazer", dizia.

Os bancos eram insuficientes para acomodar quem insistia em ficar na fila, aproximadamente 50 pes-



Luciene Pereira, com Gustavo no colo: fila grande e mamadeira no final

soas, e a saída foi sentar (ou deitar) no chão mesmo. A revolta era geral. "Desconto todo mês R\$ 110 para a seguridade social e ainda passo por esse abuso", reclamava o funcionário da Telebrás Geraldo Nunes Xavier, 38 anos.

Na emergência ortopédica do HRG, Terezinha Silva de Jesus, 48 anos, agarrava as paredes, contorcendo-se de dor. Os comprimidos de Voltarem, comprados pela filha Marcélia, 25, não foram suficientes para aliviar as dores da fratura exposta na perna. Só foi atendida três horas depois.

"Essa é a gota d'água que transborda", compara o diretor do

Hospital Regional do Gama, Alexandre Gomes Câmara. Segundo ele, essa situação vem acontecendo esporadicamente, por que a equipe está trabalhando no limite e a demanda das cidades do Entorno aumentou. "Quando algum médico adoece ou tem algum problema, acontece esse tipo de coisa. E a nossa prioridade é atender os pacientes internados que apresentam risco de vida", explica.

Procuram diariamente pronto-socorro do Hospital do Gama 1,2 mil pessoas, 700 não moram no Distrito Federal. Na emergência da clínica médica são atendidos 450 pacientes por dia, 60% deles vêm do Entorno, e na pediátrica essa pro-

porção varia entre 70% e 80%.

"Se atendessemos só quem mora no Gama, seríamos o melhor hospital do Brasil", exagera. O aumento da demanda nos últimos meses, para o diretor do HRG, é reflexo do programa Saúde em Casa, que encaminha os pacientes do Gama aos Centros de Saúde. "A população do Entorno percebeu que não pode ser atendida pelo Saúde em Casa ou nos Centros de Saúde e que a única porta para eles é o pronto-socorro", afirma.

A saída, na sua avaliação, seria conseguir que os prefeitos das cidades vizinhas investissem em saúde. "Do jeito que está, poderíamos contratar mais médicos e colocar mais leito que não ia adiantar nada. A demanda continuaria aumentando. É um sistema perverso"

No ano passado, foram realizadas 4,3 milhões de consultas médicas, 105 mil internações, 33 mil cirurgias e 45,7 mil partos no Distrito Federal. Aproximadamente 80% dos pacientes não moram no Distrito Federal.

De acordo com o Secretário de Saúde, Antônio Ramalho, faltam médicos — o déficit é 450 profissionais — e aumentou o número de pacientes, especialmente os vindos das cidades do Entorno do DF. "Temos vagas abertas para profissionais que não estão disponíveis no mercado como otorrinos, radiologistas e cirurgiões pediátricos", explica.

NÚMEROS

No pronto-socorro do Hospital Regional do Gama são atendidas

1,2 mil
pessoas diariamente

Dessas, moram fora do Distrito Federal

700
pessoas

Em todo o Distrito Federal foram realizadas

4,3 milhões
de consultas

33 mil
cirurgias

45.700
partos